

HISTÓRIA DE LIBRAS: CARACTERÍSTICA E SUA ESTRUTURA

Magno Pinheiro Almeida (UFMS, UEMS)

mpa_proflibras_magno@hotmail.com

Miguel Eugênio Almeida (UEMS/UCG)

mealmeida_99@yahoo.com.br

1. História de libras no Brasil

Os princípios da história de libras – língua brasileira de sinais – não foram diferentes das outras línguas, assim, como se sabe, a língua portuguesa difundiu do latim, juntamente com línguas como o espanhol, o catalão, o francês, o italiano, o romeno, através dos séculos. O que podemos ressaltar é que todas as referidas línguas sejam românicas ou neolatinas, ou seja, faz parte de uma única família linguística. No Brasil, a Língua Portuguesa sofreu modificações de pronúncia, vocabulário e na sintaxe, o mesmo aconteceu com a libras.

Esta tendência penetrou no escrever a história da linguística, ainda que seja de se esperar que um historiador encontre mais exemplos de evolução e continuidade do que de revolução e descontinuidade de ideias através dos séculos, pontuados por mudanças de ênfase, incluindo movimentos de pêndulos, às vezes causados pelo afluxo de fatores extralinguísticos, tais como avanços em tecnologia, mas também acontecimentos sócio-políticos. (KOERNER, 1996, p. 62)

Com a língua brasileira de sinais – libras – não se sabe o certo como surgiu as línguas de sinais das comunidades surdas, sabe-se que são criadas por homens que propiciaram o regastes de um sistema comunicativo através do canal gestual/visual.

No caso da língua brasileira de sinais, em que o canal perceptual é diferente, por ser uma língua de modalidade gestual visual, a mesma não teve sua origem da língua portuguesa; que é constituída pela oralidade, portanto considerada oral-auditiva; mas em outra língua de modalidade gestual visual, a Língua de Sinais Francesa, apesar de a língua portuguesa ter influenciado diretamente a construção lexical da língua brasileira de sinais, mas apenas por meio de adaptações por serem línguas em contato. (ALBRES, 2005, p. 1)

As escolas, os internatos, influenciaram diretamente como espaço importante para o uso e aprendizagem da língua, mas a língua de sinais era proibida, os alunos usavam a língua de sinais nos dormitórios, nos banheiros e se pegos recebiam punições severas. A verdadeira educação de surdos iniciou-se com Pedro Ponce De Leon (1520-1584), na Europa,

ainda dirigida à educação de filhos Nobres. Soares (1999, p. 20) e Moura, Lodi, Harrison (1997, p. 329). Pedro Ponce de Léon era Monge beneditino da Onã, na Espanha, estabeleceu a primeira escola para surdos em um monastério, ele ensinava latim, grego e italiano, conceitos de física e astronomia aos dois irmãos surdos. (STROBEL, Florianópolis 2008)

L'Epeé (1712-1789), foi um marco importante para a história da educação dos surdos, levou o conhecimento sobre os primeiros estudos sérios sobre língua de sinais, por conhecer duas irmãs gêmeas surdas que usavam os gestos para se comunicar, com isso, defendia a língua de sinais como linguagem natural dos surdos e que, por meio de gestos poderiam desenvolver a comunicação e o desenvolvimento cognitivo.

Em 1756, Abbé de L'Epeé cria, em Paris, a primeira escola para surdos, o Instituto Nacional de Jovens Surdos de Paris⁵⁶, com uma filosofia manualista e oralista. Foi a primeira vez na história, que os surdos adquiriram o direito ao de uma língua própria. (GREMION, 1998, p. 48 *apud* ALBRES).

No Brasil, Eduard Huet (1822-1882), um professor surdo francês com mestrado em Paris, veio para o Brasil sob os cuidados do imperador D. Pedro II, os surdos até no final do século XV, eram considerados incapazes de se educar e com isso teve a intenção de inaugurar uma escola com modelos da Europa de educação dos surdos.

Os primeiros passos de libras aqui no Brasil foram com o alfabeto manual, de origem francesa, os próprios alunos surdos vindos de vários lugares do Brasil, trazidos pelos pais, difundiram essa novidade onde viviam. E em 26 de setembro de 1857, fundou-se no Rio de Janeiro a primeira escola para surdos no Brasil, intitulada Instituto de Educação dos Surdos (INES) e nesse mesmo dia comemora-se o Dia Nacional dos Surdos no Brasil.

Depois de passar os conhecimentos de Educação Europeia e ter ensinado o alfabeto manual para os surdos, Huet foi embora para lecionar no México devido a alguns problemas pessoais e o Instituto ficou no comando de Frei do Carmo.

A Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS)⁵⁷, é mais um espaço conquistado pelos surdos. Nesse local, eles

⁵⁶ Método "manualista", desenvolvido por L'Epeé, fazia uso das mãos para a produção dos sinais.

⁵⁷ Entidade não governamental, filiada à World Federation of the Deaf, com matriz no Rio de Janeiro e filiais espalhados por diversos estados brasileiros, a saber Minas Gerais, Pernambuco, Rio Grande do Sul, São Paulo, Teófilo Otoni e Distrito Federal. Acesso pelo site: <http://www.feneis.com.br>.

compartilham sentimentos, concepções, ideias, valores e significados, e que são levados para Teatro Surdo, na Poesia Surda, na Pintura Surda, na Escultura Surda e assim por diante. (Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos)

Segundo Albres, a Federação Nacional de Educação dos Surdos – FENEIS, em 1998, preocupada com a grande diferença de sinais para facilitar a comunicação, principalmente entre os instrutores⁵⁸ surdos. E, nesse momento de troca, foram tomando consciência da sua condição bilíngue e da relação de contato direto entre libras e a língua portuguesa. (Cf. FELIPE, 2007)

1.1. Pré-requisitos para um professor de libras (instrutor)

Como os instrutores de libras atualmente, na sua maioria, ainda não têm uma formação acadêmica para serem professores de língua, este material foi elaborado para aquele que fizer um curso de metodologia para o ensino de libras, que vem sendo oferecida pelo CELES da FENEIS, MEC-SEESP, executados pela FENEIS.

Portanto, serão exigidos do professor, os seguintes pré-requisitos:

1. Domínio pleno da língua de sinais brasileira;
2. Domínio razoável da língua portuguesa, já que todas as orientações metodológicas estão escritas e precisarão ser bem compreendidas para se ter resultados satisfatórios;
3. O instrutor precisará ter concluído o ensino médio;
4. Conhecimento sobre pesquisas da língua de sinais brasileira e de aspectos culturais, atividades sociais, problemas políticos e educacionais das comunidades surdas;
5. Conhecimento de como ensinar uma língua;
6. Habilidade para planejar e avaliar;
7. Ter sensibilidade para perceber as necessidades dos alunos.

...existem dois grandes períodos na história da educação dos surdos: Um perí-

⁵⁸ Instrutor: é a pessoa bilíngue, preferencialmente surda, que ministra cursos de Língua Brasileira de Sinais.

odo prévio, que vai desde meados do século XVII até a primeira metade do século XIX, quando eram comuns as experiências educativas por intermédio da língua de sinais, que vai de 1880, até nossos dias, de predomínio absoluto de uma única ‘equação’ segundo a qual a educação dos surdos se reduz à língua oral. (SKLIAR, 1997, p. 109).

Portanto, cabe ressaltar que a libras teve influência do modelo da educação de surdos francês, mesmo em contra partida do ensino da oralidade/língua de sinais, pois carrega em grande parte características da língua francesa de sinais. É nas escolas que as crianças surdas se encontram e é considerado um espaço de desenvolvimento pleno para os surdos e é nela que os mesmos terão o desenvolvimento pleno da língua de sinais e da língua portuguesa.

2. Características de libras: sistema de transcrição de libras

A principal característica da libras é a modalidade visuo-espacial, diferente da modalidade oral-auditiva utilizada nas línguas orais. Na língua brasileira de sinais – libras – é forte a motivação “icônica”, ou seja, unidades gestuais chamaram de “significante” e outro representante icônico “significado”, assim, conclui que os sinais reproduzem imagem do traço “significado”.

... os sinais em si mesmo, normalmente não expressam o significado completo no discurso. Este significado é determinado por aspectos que desenvolvem a interação dos elementos expressivos da linguagem. No ato da comunicação, o receptor deve determinar a atitude do emissor em relação ao que ele produz (...) (QUADROS, 1995, p. 1)

Os surdos utilizam como característica para compor a libras a expressão fácil/corporal que será usado no processo do traço semântico do referente “significado”, para passar ideia de negação, afirmação, questionar, opinar, desconfiar e entre outros. Também temos como característica a configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA), movimento (M) e orientação (O), que compõe os aspectos estrutural da libras.

2.1. Transcrições de libras

Outra observação importante em relação ao significante, ou seja, unidade gestual, é a representação da transcrição de libras, são eles:

1 – Os sinais de libras serão representados por itens lexicais da língua portuguesa em letras maiúsculas.

Ex.: CASA, ESTUDAR, CRIANÇA, RELÓGIO, MAU CHEIRO...

2 – Um sinal será representado pelas palavras separadas por hífen.

Ex.: CORTAR: CORTAR-COM-FACA

RASGAR: RASGAR-ROUPA /RASGAR-PAPEL

NÃO QUERER: QUERER-NÃO

MEIO DIA: MEIO-DIA

3 – Um sinal composto, que será representado por duas ou mais palavras, serão separados pelo símbolo ^.

Ex.: CAVALO ^ LISTRA = “ZEBRA”

HOMEM ^ CASADO = “MARIDO”

4 – A datilologia (alfabeto manual) palavras não possuem um sinal, está representada pela palavra separada, letra por letra, por hífen.

Ex.: F-E-L-I-P-E

Z-A-N-Ú-B-I-A

5 – O sinal soletrado, por empréstimo, passou a pertencer à libras por expressa pelo alfabeto manual com uma incorporação de movimento próprio desta língua, parte soletração do sinal em itálico.

Ex.: Conteúdo, Real, Restaurante, LEI etc.

6 – O sinal, representado por palavra da língua portuguesa que possui marcas de gênero (feminino / masculino)

Ex: EL@ “ela, ele”

ME@ “minha ou meu”

MAGR@ “magro, magra”

7 – As expressões facial e corporal, que são feitas simultaneamente com um sinal, que pode ser em relação ao:

- Tipo de frase:

- Interrogativa (?)
- Negativa (Ñ)
- Exclamativa (!)
- Afirmativa (.)
- Ex.: El@ aprender português?
8 – Através de classificadores.
Ex.: MOVER, DISTRIBUIR e ETC.
9 – Os verbos que possuem concordância de lugar ou número – pessoal as pessoas gramaticais:
 - a) 1s, 2s, 3s = 1a, 2a, 3a pessoa do singular;
 - b) 1s, 2d, 3d = 1a, 2a, 3a pessoa do dual;
 - c) 1p, 2p, 3p = 1a, 2a, 3a pessoa do plural;
 - d) EX: 1s DAR 2s “eu dou para você”
 - e) 2s PERGUNTAR 3s “você pergunta para eles / elas”.10 – Na libras não há desinência que indique plural e será representado pelo sinal +.
 - a) Ex.: MUIT@ “muito, muitos, muita, mulher”.
 - b) ÁRVORE + “muitas árvore”.
 - c) INIMIGO + “muitos inimigos”.
 - d) CASA + “muitas casas”.

Enfim, essas considerações foram retiradas do material *Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: Caminhos para a Prática Pedagógica – MEC – Secretaria de Educação Especial* e adaptada com o material de Lucinda Ferreira Brito – *Por uma Gramática de Língua de Sinais*.

3. Aspectos estruturais: configuração de mão, ponto de articulação, movimento

Nesse primeiro momento, iremos caminhar em alguns conceitos em relação aos aspectos estruturais de libras, e nesse conjunto vamos res-

saltar partes importantes que fez com que a língua brasileira de sinais fosse legalizada. A língua recebeu incorporações lexicais, sintáticos e morfológicos, pois segundo Brito (1995)

A libras tem sua estrutura gramatical organizada a partir de alguns parâmetros que estruturam sua formação nos diferentes níveis linguísticos. Três são seus parâmetros principais ou maiores: a Configuração da(s) mão(s) – (CM), o Movimento – (M) e o Ponto de Articulação – (PA); e outros três constituem seus parâmetros menores: Região de Contato, Orientação da(s) mão(s) e Disposição da(s) mão(s).

3.1. Alguns aspectos estruturais e seus principais parâmetros.

A libras tem três parâmetros principais. São eles:

- a) configuração da mão (CM)
- b) ponto de articulação (PA)
- c) movimento (M)

1. **Configuração de Mão (CM):** é a forma que a mão terá ao se realizar um sinal, essas configurações de mãos assumem características do alfabeto Manual e algumas formas diferentes do alfabeto manual, conforme se observa no **Quadro 1**.

Observa-se que alguns sinais utilizam a forma do alfabeto manual, chamamos de empréstimo linguístico do alfabeto manual (Cf. **Fig. 1**, **Fig. 2 e Fig. 3**, mais abaixo). Segundo Brito (1995).

É um recurso do qual se servem os usuários das línguas de sinais para os casos de empréstimos vindos das línguas orais, consistindo-se de um alfabeto manual criado a partir de algumas configurações de mão(s) constituintes dos verdadeiros sinais.

2. **Ponto de Articulação (PA):** É o lugar onde a configuração de mão se realiza, podendo essa tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço, ou seja, do meio do corpo até a cabeça.

Quadro 1:
Grupo de Pesquisa do curso de libras do Instituto Nacional de Educação de Surdos.



Exemplos de sinais que assumem algumas configurações de mão: (Fig. 1, Fig. 2 e Fig. 3) Fonte: CAS – Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento ao Surdo.

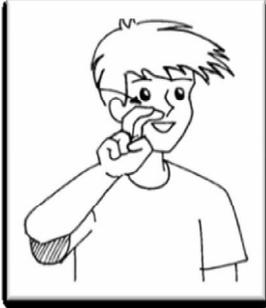


Fig. 1

QUINTA-FEIRA
– CONFIGURAÇÃO DE MÃO: 32



Fig. 2

NORA –
CONFIGURAÇÃO DE MÃO: N ou 21

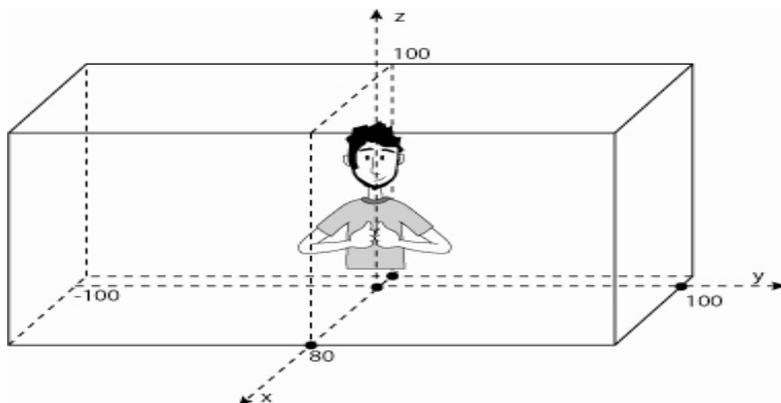


Fig. 3

CUNHADO/CUNHADA –
CONFIGURAÇÃO DE MÃO: C ou 12

Espaço de realização dos sinais na libras.

Quadro 2: Langevin & Ferreira Brito, 1988, p. 01.



EXEMPLOS: (Fig. 4, Fig. 5 e Fig. 6). Fonte: CAS –
Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento ao Surdo.

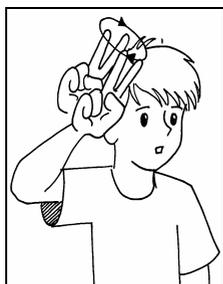


Fig. 4

**HISTÓRIA –
PONTO DE ARTICULAÇÃO: TESTA**

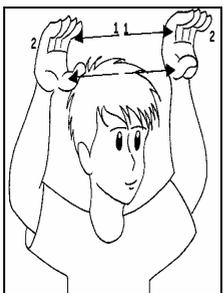


Fig. 5

**CÉU –
PONTO DE ARTICULAÇÃO: ACIMA
da CABEÇA**

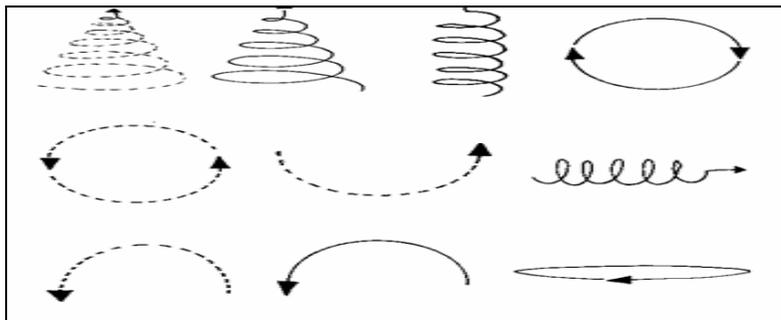


Fig. 6

**CAMELO –
PONTO DE ARTICULAÇÃO: NUCA**

c) Movimento (M): Os sinais podem ter um movimento ou não. Segundo Quadros e Karnopp (2004), o movimento é definido como um parâmetro complexo que pode envolver uma vasta rede de formas e direções, desde os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso e os movimentos direcionais no espaço.

**Quadro 3: CAS –
Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento ao Surdo.**



**EXEMPLOS: (Fig. 7, Fig. 8 e Fig. 9). CAS –
Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento ao Surdo.**



Fig. 7

**BARCO –
MOVIMENTO: ESPIRAL**

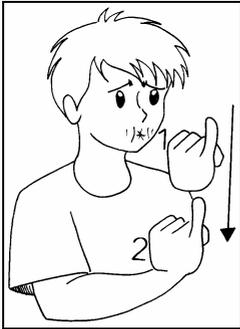


Fig. 8

**MAGRA –
MOVIMENTO: RETO PARA BAIXO**



Fig. 9

**SEMPRE –
MOVIMENTO: ELÉTRICO**

Portanto, quero ressaltar que os aspectos linguísticos não param por aqui, essa pesquisa é parte da minha dissertação de mestrado, há várias modalidades lexicais, sintáticos e morfológicos da libras, enriquecedor para os estudiosos dessa área. As expressões faciais/corporais, são uma maneira específica que compõe a estrutura da libras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBRES, Neiva de Aquino. *História da língua de sinais em Campo Grande – MS*. Petrópolis: ARARA AZUL, 2005.

BRITO, Lucinda Ferreira. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1995.

FELIPE, Tanya A. *Libras em contexto de estudante*. Brasília: MEC, 2007.

KOERNER, Konrad. Questões que persistem em historiografia linguística. *Revista da ANPOLL*, nº 2, p. 45-70, 1996.

MOURA, Maria Cecília de. História e educação: o surdo, a oralidade e o uso de sinais. In: LOPES FILHO, Otacílio de C. *Tratado de fonoaudiologia*. São Paulo: Roca, 1997.

QUADROS, Ronice Müller; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de. *Aspectos da sintaxe e da aquisição da língua de sinais brasileira*. Porto Alegre: Letras de Hoje, 1995.

SKLIAR, Carlos (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 3. ed. Porto Alegre, 2005.

SOARES, Maria Aparecida Leite. *A educação do surdo no Brasil*. Campinas: Autores Associados, EDUSF, 1999.

STROBEL, Karin Lilian. *Surdos: Vestígios culturais não registrados na história*. Florianópolis, 2008. Tese de Doutorado em Educação – UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina.

_____. *Ensino da língua portuguesa para surdos: caminho para a prática pedagógica*. 2. ed. Brasília: MEC/ SEESP, Vol. 1, 2007.